

HAITI E A OCUPAÇÃO IMPERIALISTA

Mural Produzido em:
05/2006

Coordenação:
Gilberto Calil

Acadêmicos:
Priscila Marchini Marins
Rita de Cássia S. Kneib
Gervasio Cezar Junior
Gabriel Paiva
Carlos Mauricio Trindade
Fernando Chlad

Haiti: o Brasil como tropa de ocupação

Gilberto Calil

O Haiti está sob uma ocupação estrangeiras mascarada pelo guarda chuva da ONU, e o Brasil está fazendo o trabalho sujo. Yannick Etienne, sindicalista haitiano.

Desde março de 2004, tropas brasileiras lideram a chamada “Missão de Paz” que ocupa o Haiti, supostamente em nome da “estabilização” e da “pacificação” daquele país. A informação é apresentada pela mídia brasileira, em geral, como um dado positivo, que destacaria a “liderança” brasileira no subcontinente latino-americano e a projeção de sua política externa. No entanto, pouco se sabe sobre o papel que vem sendo desempenhado pelas tropas de ocupação e menos ainda sobre a realidade haitiana e os efeitos da ocupação para a população daquele país.

Em primeiro lugar, é necessário lembrar que em fevereiro de 2004 ocorreu uma invasão militar ilegal e ilegítima, promovida pelos Estados Unidos, que depôs o governo constitucional de Jean Bertrand Aristide (eleito em 2000, com 92% dos votos) e impôs em seu lugar um governo fantoche, integralmente subordinado aos interesses estadunidenses, em completo desrespeito ao princípio da autodeterminação dos povos. É desta ação ilegal que se origina o governo constituído pelo presidente Boniface Alexandre e pelo primeiro ministro Gerard Latortue. Pois foi para promover a “ordem”, controlar os protestos populares antigolpistas e consolidar este governo fantoche que foram enviadas as tropas de “pacificação” lideradas pelo Brasil. “Liderança” viabilizada pela impossibilidade de os Estados Unidos manterem suas tropas no Haiti, já que seu deslocamento era necessário para conter a crescente resistência iraquiana, sendo substituídas por tropas internacionais lideradas pelo Brasil em abril do mesmo ano.

O Haiti tem uma população que se encontra entre as mais miseráveis do mundo, mas ao mesmo tempo é fonte de extraordinários lucros para grandes empresas capitalistas (que se aproveitam exatamente da miséria do povo haitiano). Assim, por exemplo, a Alpha Industries, grande conglomerado têxtil e fornecedora de embalagens a empresas transnacionais como a IBM, a Remington e a Unisys, paga aos trabalhadores haitianos US\$ 0,68 por dia de trabalho. Além da indústria têxtil, capitais estadunidenses e franceses exploram as minas de bauxita e ouro e o setor bancário (cuja fonte de lucro principal é o tráfico de drogas, já que o Haiti integra a rota internacional do tráfico de drogas). Para os Estados Unidos, ainda, a imposição de um governo submisso no Haiti lhe permite o controle da maior reserva de água doce do Caribe.

A consolidação do golpe militar, sustentada pelas tropas internacionais, deixou caminho livre para a promoção de um verdadeiro massacre das lideranças sindicais e comunitárias anti-estadunidenses e dos integrantes do Lavallas, partido do presidente deposto Aristide. Tais

massacres foram promovidos por grupos paramilitares de direita criados nas ditaduras de Papadoc, Babydoc e Raul Cedras, com destaque para o traficante internacional Guy Phillippe, e com o apoio de Andy Apaid, proprietário da Alpha Industries. É revelador o fato de que as tropas brasileiras promoveram amplo desarmamento da população pobre, tornando-a vítima fácil das milícias que permaneceram fortemente armadas. Como denunciou Stan Goff, oficial reformado do governo dos EUA, em outubro de 2005, *“a maior parte do país se encontra abandonada aos paramilitares. Sem que chegue aos televisores do mundo, agora mesmo ocorre uma incrível atrocidade no Haiti. Estão matando pessoas todos os dias e não são poucos os mortos”*. Além disso, a missão internacional já gastou mais de 1 bilhão de dólares, sem qualquer efeito para a melhoria da condição de vida da população miserável. A inconformidade com o vergonhoso papel desempenhado pelas tropas brasileiras levou ao suicídio o comandante geral das tropas internacionais, General Augusto Heleno Ribeiro Pereira. Diversas atrocidades cometidas pelas tropas de ocupação foram denunciadas por organismos internacionais, mas foram muito pouco divulgadas na imprensa brasileira.

A crescente resistência popular obrigou a realização de eleições presidenciais, em fevereiro último, embora sob Estado de Sítio e em condições muito desfavoráveis à prática democrática, como a concentração das seções eleitorais nas regiões ricas, dificultando o acesso da população dos bairros pobres como Cité Soleil e Bel Air. As mobilizações populares impediram ainda a concretização de uma gigantesca fraude e obrigaram ao reconhecimento da vitória arrasadora do candidato do Lavallas, René Prévall. Seu governo, no entanto, segue limitado e tutelado pela manutenção injustificada das tropas de ocupação. Enquanto não houver a retirada completa das tropas invasoras, a soberania haitiana seguirá agredida, seu povo seguirá desrespeitado e seu governo só subsistirá enquanto atender aos interesses do grande capital estadunidense. A retirada completa das tropas não resolverá os problemas haitianos (agravados pela ocupação), mas é a condição primeira para que seu povo possa se expressar livremente e construir soberanamente seus caminhos.

Haiti: Entre a liberdade e a chibata

Carlos Mauricio Trintade

Fernando Chlad

A raiz dos atuais problemas do Haiti pode ser encontrada em seu passado, pagando hoje o preço pela ousadia de ser o primeiro país negro a obter a independência. Após sua independência em 1804 o Haiti tentou por cinqüenta anos tomar o controle do lado espanhol da ilha (República Dominicana), mas por outro lado, os dominicanos não aceitaram serem subordinados ao controle de ex-escravos, isto gerou um forte sentimento anti-haitiano por parte dos dominicanos. A maior característica da independência haitiana com revolta antiescravista é que para acabar com a aristocracia rural, os negros rebelados acabaram exterminando os aristocratas rurais.

Os dois pilares da independência haitiana podem ser considerados o Vodou e o Créole, sua religião e seu idioma próprio, uma mistura do francês com as línguas africanas. Esses dois são considerados o marco responsável pela união dos membros de diversas tribos africanas com o ideal de liberdade.

Mesmo assim a grande massa negra ex-escrava e pobre continuou a ser explorada, mas agora não mais pelos colonizadores franceses brancos, mas sim pelos mulatos e negros enriquecidos, que alternavam o poder entre eles.

Com a construção do canal do Panamá em 1904, o imperialismo estadunidense reconhece a importância estratégica do Caribe utilizando-se do plano Monroe, “ocupando” o Haiti de 1915 a 1934 e a República Dominicana de 1916 a 1924, assim assegurando o controle total das linhas marítimas que conduziam para o canal. Após a desocupação, os norte-americanos apoiaram-se em governos ditatoriais submissos para sufocar rebeliões populares.

Para os EUA esta “ocupação” parte de um plano de “democratização do Haiti” e ajudar no “desenvolvimento do país”, sendo as mesmas desculpas usadas para a ocupação dos soldados fantoches da ONU chefiada pelos brasileiros nos dias atuais. Para os haitianos esta “democratização” tem o mesmo preço da invasão de 1915 e dos governos ditatoriais ventríloquos dos norte-americanos: latrocínios, mortes, corrupção, terrorismo por parte dos ditadores, perseguições, miséria, sofrimento, marginalização e a destruição de sua cultura, que resiste há mais de dois séculos, e que é mais uma vez ameaçada por forças externas.

Eleições no Haiti

Gervasio Cezar Junior

Após Jean-Bertrand Aristide ter sofrido um Golpe de Estado em 2004, articulado pelos EUA, o Haiti voltou às urnas para escolher seu novo presidente no dia 07 de fevereiro de 2006. Até ai tudo normal!

O povo haitiano já mostrou várias vezes na história ser um povo guerreiro, apesar de 80% da população viver abaixo do nível da pobreza e do analfabetismo, e nessas eleições eles não se mostraram contrários a sua história, já que o Tio Sam procurou manipular as eleições dessa pequena ilha caribenha durante todo o processo eleitoral. Não é a primeira vez que os EUA intervêm sobre algum país e nesse caso se enquadra também o Haiti.

As eleições haitianas foram consideradas como um grande avanço pela comunidade internacional, tanto para sua economia como principalmente para a paz naquela região. As eleições pareciam desde cedo caminhar para uma vitória do então candidato René Préval.

Uma das primeiras dificuldades das eleições foi imposta pelo Conselho Eleitoral, este se negou a levar urnas eleitorais para os bairros mais pobres do Haiti, alegando falta de segurança, é claro que eles não iriam dizer que nesses bairros estavam a maior parte da população haitiana, e que conseqüentemente votaria em René Préval. Mas a população haitiana descontente com essa atitude não ficou de braços cruzados e foi às ruas em busca dos pontos onde se localizavam as urnas para votarem.

A contagem dos votos foi ainda mais conturbada. Foram sete dias de angústia para o povo haitiano, pois era dada a todo momento como certa a eleição do candidato René Préval, e o Conselho Eleitoral manipulado pelos EUA dava como certo um segundo turno. O certo é que nossos “amigos americanos” não estavam contentes com a vitória do candidato Préval por ele manter constantemente contato com o então presidente deposto justamente por Washington, Jean-Bertrand Aristide, o que não seria nada bom para o imperialismo americano.

Mais uma vez o povo haitiano foi às ruas lutar pelos seus direitos. Os manifestantes acusavam os EUA e o Conselho Eleitoral de manipulação e fraude nas eleições, após vários confrontos tanto com as “forças de paz da ONU” quanto com o próprio exército haitiano, o Conselho Eleitoral e os Estados Unidos da América cederam, dando ao presidente René Préval o título adquirido de Presidente.

Após todo esse contexto armado, vem um tal de José Miguel Insulza Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA) dizer que está satisfeito e que as eleições atingiram a normalidade. Agora prestemos atenção: será que é normal a fraude e a manipulação de votos? É

certo os EUA intervirem na eleição de outro país de maneira imperialista, neoliberal e exploradora?
Por isso, não ao imperialismo norte-americano, não ao neoliberalismo e paz ao povo haitiano!

Tropas de “paz” mandam no Haiti

Rita de Cássia S. Kneib

Após ganhar a conturbada eleição, René Preval começa uma campanha em busca de ajuda para resolver os inúmeros problemas que o Haiti enfrenta. Dificuldades que o país vê crescerem a cada dia, ainda mais depois da ocupação norte-americana, seguida das tropas da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti, a MINUSTAH, o que dizem ser uma missão de paz.

O povo haitiano tem os piores índices de desenvolvimento do mundo, a maior taxa de mortalidade de menores de cinco anos da América Latina e Caribe, taxas de vacinação menores que a da África Subsaariana. Além da grande degradação da natureza que acarreta um aumento do número de mortes durante a temporada de furacões, a pobreza com que a população vive faz com que muitas crianças vivam nas ruas e que a violência e os maus tratos sejam freqüentes nessa sociedade. A falta de ensino faz com que todos os problemas fiquem mais afastados da solução, pois, um terço dos jovens haitianos é analfabeto.

Há também um conflito histórico entre emigrantes haitianos e os habitantes dominicanos. Fato que foi motivo da viagem de Preval à República Dominicana para criar soluções e pactos de amizade. Com o mesmo intuito de conseguir aliados, o presidente haitiano foi ao Brasil, Chile, Argentina e Cuba, mesmo o Brasil, o Chile e a Argentina tendo tropas em seu país. Em Havana, afirmou que precisa de integração e não de intervenções imperialistas, referindo-se à missão da ONU que se instalou no Haiti e não tem previsão de sair. Mesmo depois dos grupos armados terem prometido entregar suas armas se Preval fosse eleito, fato que faz com que o pretexto norte-americano da existência de grupos armados e da instabilidade do país não faça mais sentido para ninguém. No entanto, a ONU colocou o país caribenho sob tutela, através de um encontro, às escondidas, entre a MINUSTAH e o primeiro ministro haitiano, decidindo que a Polícia nacional deve obedecer às ordens da Missão. Assim, todas as ações da polícia serão decididas pelos ocupantes do país e, além disso, eles devem ter acesso a qualquer documento, ou seja, a MINUSTAH detém o poder da polícia e de todos os acordos internacionais que Preval tentar fazer.

Dessa maneira, o Haiti enfrenta uma crise e seu presidente, que foi eleito pelo povo na crença de mudar a vida de seus habitantes, encontra-se de mãos atadas e busca apoio das nações vizinhas e amigas. Mesmo que Preval não consiga assinar acordos com países latino-americanos, ele espera contar com a ajuda destes para conseguir alimentar sua população, dar a ela saúde e educação, e um bom exemplo é a ajuda de Cuba, que dá bolsas para estudantes haitianos irem cursar medicina em seu país. Mas é difícil que um país com tantos problemas consiga se reerguer somente com solidariedade. Enquanto as tropas da MINUSTAH estiverem no país o imperialismo

norte-americano vai estar no controle. E sobre tais cuidados, o presidente, mesmo sendo atento aos problemas e buscando soluções, vai encontrar inúmeras dificuldades para desenvolver o país e melhorar as condições de vida do povo, pois se a ocupação visa mão-de-obra barata, basicamente, as tropas de “paz” vão agir energicamente contra o desenvolvimento do país.

Brasil, o cordeirinho dos EUA, em sua intervenção no Haiti

Gabriel Paiva

Atualmente não é difícil perceber as tentativas de acordos do governo brasileiro com o governo estadunidense, principalmente através dos organismos internacionais FMI (Fundo Monetário Internacional), OMC (Organização Mundial do Comércio), Banco Mundial e ONU (Organização das Nações Unidas), acordos que visam à implementação de políticas neoliberais. Também deixou de ser novidade a determinação com que o Brasil realiza as ações ordenadas pelos Estados Unidos. Fato que fica claro com a intervenção brasileira no Haiti.

George Bush, semanas após a intervenção em território haitiano, fez uma solicitação ao governo Lula para que capitaneasse a força internacional de ocupação. Desta forma os Estados Unidos poderiam ocupar seus “soldadinhos de chumbo” em enfrentamentos com a resistência iraquiana. De imediato o Brasil recrutou soldados para a denominada “Missão de Paz”.

O governo estadunidense indicou o Brasil, devido a algumas particularidades. A primeira seria a boa vontade do governo Lula em atender os pedidos de Bush, manifestando desta forma sua subordinação em troca de suposto apoio estadunidense para a indicação do Brasil ao Conselho de Segurança da ONU. A segunda e mais visível é a simpatia da população haitiana com o futebol brasileiro. E para finalizar a terceira e mais esdrúxula seria a de que a intervenção brasileira levaria à sofrida nação haitiana democracia, ordem e progresso.

A segunda peculiaridade nos faz recorrer à história romana, no período da política de pão e circo. Com o crescimento urbano de Roma apareceram diversos problemas sociais. Fato ocorrido devido a uma grande dimensão de desempregados que migraram para estas cidades em busca de empregos e melhores condições de vida. Receoso de que pudesse acontecer alguma revolta de desempregados, o imperador criou a política do Pão e Circo. Esta política se aproxima do espetáculo “futebol como circo”. O jogo amistoso de 18 de agosto de 2005 entre as seleções nacionais brasileira e haitiana se concretizou como momento de campanha publicitária do governo Lula. Este fato serviria de motivo para recuo das resistências haitianas.

Em outubro de 2005 o exército brasileiro retomou as ações, intervindo com 150 policiais e 200 soldados (sendo maioria brasileiros) no bairro popular de Bel-Air. A justificativa apresentada pelo governo brasileiro foi de que “terroristas” forjavam um ataque ao “palácio presidencial”. Em contrapartida a este e outros fatos realizados pelos “capacetes azuis” (forma de identificação dos soldados desta “missão”) as resistências haitianas permanecem almejando seu objetivo, ou seja, a expulsão das tropas brasileiras do país.

Esta forte resistência e a alta cobrança do governo estadunidense acarretaram em janeiro de 2006 no suicídio do general Augusto Heleno Ribeiro, comandante das tropas da ONU no Haiti. Fato

que o governo brasileiro tentou encobrir de diversas maneiras.

O Brasil e os brasileiros pagam muito por esta subordinação ao governo estadunidense. É de desconhecimento de grande parte da população brasileira que os gastos desta intervenção alcançam a margem de 160 milhões de reais. A retirada das tropas brasileiras do Haiti deve ser concretizada como forma de impedir que as ruas deste humilde país sigam manchadas de sangue brasileiro e haitiano.

Imperialismo estadunidense: a submissão do Haiti ao capital estadunidense.

Será mais uma colônia dos Estados Unidos?

Priscila Marchini Marins

Imperialismo não é simplesmente uma *política*, mas sim uma *realidade desordenada* decorrente da própria natureza do desenvolvimento capitalista: o imperialismo capitalista monopolista, dominado por grandes empresas que resultou na concentração e centralização da produção- impulsionado a acumular capital, não aceita obstáculo à sua expansão.

A dominação imperialista se fortalece no plano econômico, político e cultural. A atual intervenção do imperialismo estadunidense no Haiti, não tem nada a ver com preocupações humanitárias, muito menos com a democracia.

O capital financeiro e os meios dirigentes dos Estados Unidos têm necessidade de aumentar o poderio militar, de abrir intermináveis frentes de guerras de conquistas para *saquear* as nações. Dessa forma, o governo do Haiti será totalmente submisso ao imperialismo.

A luta popular que se desenvolve no Haiti mostra mais uma vez que, a América Latina é uma região em plena explosão social onde as massas pobres causam respostas violentas contra a injustiça- diante da super exploração da mão de obra -, a fome e a corrupção. O Haiti é uma repetição de vários acontecimentos –revoluções e revolta- que se desenvolvem na América Latina há pelo menos 100 anos.

No atual período de imperialismo hegemônico global, os Estados Unidos estão investindo na expansão da sua potência imperial e subordinando o resto do mundo capitalista aos seus interesses.

Por acaso os países latino-americanos têm necessidade dele? Estarão ameaçado a unidade dos territórios nacionais apoderando-se das riquezas- e as vidas dos que o habitam?